





## MENSAGEM DE NATAL E ANO NOVO

O NATAL é nosso encontro com o amor de Deus. É o dia de lembrar, mais carinhosamente, que Deus nos quis bem, tanto e tão coerentemente, que nos enviou Jesus Cristo, para ser nosso Irmão e nosso Salvador.

O Natal é Deus entrando em nossa Família, em nossa intimidade. É Deus conquistando um espaço em nosso mundo, assentado à nossa mesa, companheiro de alegrias e de sofrimentos. Natal é Deus feito garoto, adolescente, rapaz, nosso Mestre e nosso Morto. É todo o mistério desse amor coerente, apelo a sermos bons e ajuda para sermos bons. É o anúncio e a realização da esperança. É a promessa e o cumprimento da paz, do perdão, da presença maior, da alegria concreta e da plenitude.

Natal é o encontro de Deus na intimidade de nosso coração. É o desvendar-se das possibilidades infinitas que o Homem tem no seu íntimo. É a revelação de nosso destino, do amor a que somos chamados, de que somos sujeitos e que podemos multiplicar à nossa volta, sobretudo entre os mais carentes e marginalizados.

Natal é o dia e é o motivo de nos voltarmos para os Pobres, as Crianças, os Velhos, as Mães, os Operários, os Humildes, os Simples, os Bons. É dia e motivo de sermos pobres, humildes, simples e bons.

É o dia em que tenho gosto de entrar no aconchego do lar de todos Vocês, para lhes levar, em nome de toda a Família do São Vicente, especialmente dos outros Padres que dirigem comigo

este Colégio, os votos da bênção mais carinhosa de Deus, de sua presença mais forte junto de Vocês, em suas necessidades e em sua paz, nas suas angústias e no seu momento de maior felicidade.

E um Natal assim será preparação e garantia de um ANO NOVO rico de tudo que mais desejamos: paz, serenidade, alegria, amigos, boas horas e boas oportunidades, momentos que valerá a pena lembrar e perenizar.

Para os nossos Alunos, de modo especial, um abraço carinhoso, com todos os bons votos para Vocês terem férias excelentes e voltarem com ânimo e força às nossas lutas em 1981.

Pe. Lauro Palú, CM., Diretor

# a chama

## EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241 —  
Laranjeiras — Tel.: 285-0613  
22.241 — Rio de Janeiro — RJ

### CONSELHO EDITORIAL

Associação de Pais e Mestres do  
Colégio S. Vicente de Paulo

### DIRETOR RESPONSÁVEL

Padre Lauro Palú, C.M.

### COORDENAÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Prof. Horácio A. B. Neto

### CONTATO DE PUBLICIDADE

Maria José Hespanha de Soares

### COMPOSIÇÃO/ARTE

Audifax Ayres/Hyrmo Costa

### REVISÃO

Damião Nascimento

### COLABORAM NESTE NÚMERO

Pe. Lauro Palú, Nina e Solange—SOP,  
Aluizio Oliveira, Moacyr de Góes,  
Antonio Farias, Marlene L. Bluhm,  
Pe. José Pires de Almeida,  
Lourdes Tura, Sergio Drago,  
Irary B. Guerra, Wander F. de Paula,  
Maria Therezinha,  
Ivonilde Vasconcellos, Sheila Amaral,  
Sergio Rabello, Gloria Lopes,  
Jó Resende, Prof. De Paula.

Os artigos assinados, são da  
responsabilidade dos autores.

Aceitamos permuta, com  
publicações do gênero.

Circulação dirigida:  
1500 exemplares.

### PRODUÇÃO E IMPRESSÃO

Altiva Gráfica e Editora Ltda.  
R. Gal. Caldwell, 316 — Loja  
Tels.: 232-7869 - 252-5576  
Rio de Janeiro, RJ  
Cep. 20.230

## Editorial

1. A CHAMA lhe leva, neste número, uma série de artigos que são quase um balanço do Colégio São Vicente, neste ano. Há artigos que abrem um pouco as portas de 1981, para se ver o que é necessário, o que é urgente, o que já se programou.

2. Há um "dossiê" sobre o Grupo de Teatro Calabouço, que relata os problemas acontecidos após as apresentações da peça "Deus e o Povo — Minha Ira e Minha Esperança". Nesta Revista, os relatos serão um esforço público de revisão do que foi feito, tentando apresentar com honestidade as falhas que reconhecemos terem existido e os propósitos dos componentes do Grupo de Teatro, que não podem ser sumariamente condenados. Os nossos Jovens, pela beleza e generosidade do que fizeram e pelo que viveram com seus Pais e seus Orientadores, entre 21 de agosto e 6 de novembro, merecem nossa atenção mais carinhosa. Os Jovens precisam de apoio, orientação, confiança e oportunidade. Se nos unimos aos Jovens, nesse e nos outros setores, eles crescem e nos estimulam a crescer também. Leiam com o coração aberto. E os Pais se motivem a participar bastante e sempre de tudo o que fazemos.

3. Este número é uma mensagem de Natal e Ano Novo.

4. Sobretudo isto: este número é todo dedicado ao Professor JORGE LUIZ DE SOUZA E SILVA, que renunciou, em novembro, ao seu cargo de Coordenador do 2º Grau. O valor com que desempenhou seu ofício tornará difícil uma substituição adequada.

Como Diretor do Colégio, e em nome de toda a Família do São Vicente, já agradeço ao Prof. Jorge Luiz, e o faço de novo, neste espaço que A CHAMA abre nos corações.

Pe. Lauro Palú, CM. Diretor

## ÍNDICE

ANO VII — DEZEMBRO 1980 — Nº 30

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO  
COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO — RIO

	Pág.
Editorial .....	3
São Vicente Ano 81 .....	4
Balanço & Esperanças .....	5
Jorge Luiz — Momentos do Passado .....	6
O SOE em 1980 .....	6
Nosso Companheiro de Trabalho .....	7
Português — Conteúdo e Métodos .....	8
Primeira Comunhão .....	8
APM Em Ritmo de Bodas de Porcelana (3ª parte) .....	9
1º Aniversário 3 Reflexões .....	10
Natal .....	11
Encerramento do 1º Grau .....	11
O Grupo Calabouço (Dossiê) .....	12
E Mais um Ano se Vai... ..	16
Papo Livre .....	17

# SÃO VICENTE ANO 81

Pe. Lauro Palú, CM.

O Padres Lazaristas, que dirigem o Colégio São Vicente, definiram sua finalidade aqui na Escola como "ajudar os Jovens em sua formação e levá-los a participar mais plenamente da evangelização dos Pobres". Isto consistirá num desafio para a nossa Comunidade Educativa em 1981 e sempre. Não se tratará só de transmitir conteúdos de excelente qualidade, que preparem os Alunos a enfrentar o Vestibular com garantia de êxito, mas, sobretudo, de despertar os Jovens para a existência de um mundo conflitivo, em que podem ser agentes da Justiça, da Bondade, do Amor, da Beleza, da Verdade e do Direito.

Para 1981, há uma lista enorme de coisas a planejar (e a executar!): Coordenação Pedagógica do 1.º e 2.º Graus (um esforço de maior união), SOR (Serviço de Orientação Religiosa) no 1.º e sobretudo no 2.º Grau, Coordenações Verticais (um Professor que orienta uma disciplina, p. ex., o Português, no 1.º e 2.º Graus), coordenação das atividades extraclasse (excursões, cine-clube, musiclube, esporte, teatro, coral, programas dos Grêmios, etc.), Coordenação Pedagógica do Supletivo de 1.º Grau, revisão do Curso Profissionalizante (funcionalidade das especializações que oferecemos), integração do Profissionalizante com o Núcleo Comum (2.º Grau), construção de quadras de esporte (no terreno ao lado do Colégio) e do parquinho para as crianças, ativação desta Revista A CHAMA (órgão da Associação dos Pais e Mestres), ativação da própria APM como agente educativo e órgão de apoio da Comunidade, estudo da necessidade e modalidades de um Departamento de Pesquisa, reciclagem dos Professores,

manutenção do Restaurante para Professores, Funcionários e Alunos, Coordenação da Disciplina (através dos Mestres de Classe), encontros com todos os agentes da Educação da Casa, para tomada de consciência da Filosofia de Educação do Colégio, elaboração das normas pedagógicas e disciplinares da convivência e do processo educativo, atividades dos Grêmios dos Alunos de 1.º e 2.º Graus, a reforma do telhado do prédio.

Há ainda pontos mais sérios, como a política administrativa, o relacionamento com o Funcionalismo, a política salarial do Governo e as reivindicações dos Professores, a Educação para a Justiça, a Educação na Justiça (de modo a se orientar a generosidade dos Alunos e seu imenso potencial — e o de toda a Comunidade — para as necessidades dos outros, dos oprimidos e marginalizados) e "a retomada, nos Grêmios dos Alunos, da atividade política, atenta à realidade nacional e internacional, instrumentada criticamente e voltada não só para os interesses dos Alunos, individualmente ou como classe estudantil, mas para as classes populares (em luta por esse Brasil a fora, para conquistarem e firmarem seus direitos políticos e sociais)", como escrevi no n.º 28, p. 16, desta Revista, em maio pp.

Uma necessidade grande: conseguir que *todos sejamos Educadores* (e não só Professores ou Funcionários) e que a educação não seja só transmissão de conteúdos, mas aquisição de hábitos e atitudes e, sobretudo, seja *experimentação de valores*. Daí a necessidade de programar melhor o uso da Casa e de conseguir um ambiente de trabalho em todos os setores.

Tudo isso não deixa de ser uma descrição do São Vicente, real e sonhado, pelo qual lutamos e lutaremos. E nisso, que caracteriza este Colégio grande e polimorfo e complicado e exigente, qual é *nossa preocupação fundamental*? A preocupação básica do Colégio (e das Famílias, em imenso número) é a *necessidade da formação religiosa dos nossos Alunos*. Impressiona-nos e nos inquieta o fato de nossos Alunos terem recebido pouca instrução religiosa, viverem num ambiente descristianizado, ou de muito conforto e ostentação ou facilidade, e serem quase incapazes de perceberem a necessidade dos Pobres e mesmo simplesmente de pensarem nos outros... Não se vêem saídas fáceis ou muito ao nosso alcance, mas estaremos dando de tudo, para enfrentar este desafio, em 81.

Serão estes alguns dos setores de nossas atividades, no próximo ano. Os 4 Padres que trabalham na Direção estamos conscientes do desafio e da sua urgência. O patrimônio que recebemos dos Padres e Professores e Funcionários e Famílias que constituíram este Colégio (e tenho que admirar imensamente a força do Pe. José Pires de Almeida!), esse patrimônio é enorme, um peso atualmente excessivo.

Precisamos de reforços. O término de 1980 será cheio de cansaço e esperança, da satisfação e angústias. E estaremos na frente de combate, sabendo que o que nos aguarda é uma provocação e um estímulo e é uma missão de Igreja, que tentaremos realizar com fé, coragem e consciência.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1980,  
Dia do Professor.

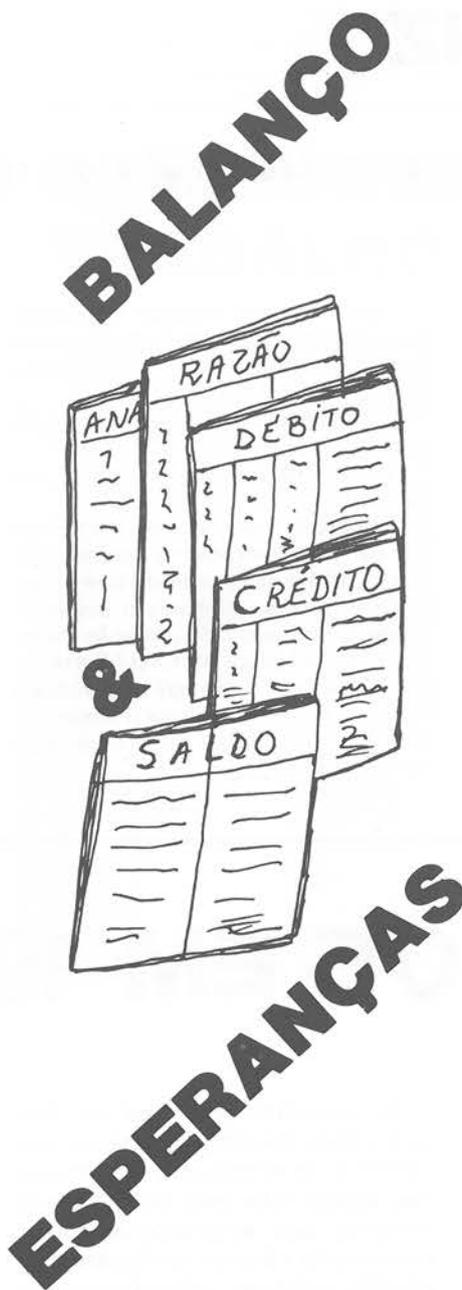
1980. Expectativa. Perspectivas de mudanças. Ano novo começando, nova administração. Tantas incertezas na cabeça de todos nós: Administradores, Professores, Pais e Alunos, Funcionários.

Todos sabíamos e confiávamos que o Colégio seguiria firme sua trajetória, dentro das linhas filosóficas que sempre o nortearam, traduzidas na prática de uma Educação Libertadora. Entretanto, os modos de agir na realização desta prática estão em constante questionamento, são fruto de avaliação e reavaliação das situações aqui vividas, são buscados a cada passo do processo do desenvolvimento comunitário. Como se conduziria Pe. Lauro na direção deste processo?

A experiência nos mostrou um Educador preocupado, extremamente observador e paciente ouvinte. Confiante na Equipe que lhe fora legada. Veio, portanto, unir-se a nós na difícil tarefa de escolher caminhos e buscar soluções.

Foi junto que caminhamos daí para a frente: no planejamento pedagógico do ano, na assistência cotidiana a Alunos e Professores, nas reuniões com Pais, no apoio às atividades extraclasses e às campanhas comunitárias, nas avaliações de nossos acertos e erros, nos Conselhos de Classe e no Conselho Pedagógico.

Buscamos fazer um São Vicente vivo e participante: e para isso fizemos o possível: implantou-se um projeto inovador na área de Comunicação e Expressão, que possibilitou troca de experiências, reflexão, debate sobre o valor da correção ortográfica ou sobre como desenvolver o gosto pela leitura e a habilidade de verbalizar um pensamento. Extravasamos as quatro paredes da sala de aula, ao fazer o estudo do meio junto às árvores do Jardim Botânico ou nas praças do Aterro, no Parque da Cidade, no alto do Corcovado e nos subterrâneos do Metrô. As crianças pesquisaram nas fontes de sua comunidade, ao visitar o Planetário, os Museus do Índio e do Folclore; entrevistaram o Cacique Juruna e o Ziraldo. Criamos uma biblioteca-volante para as primeiras séries, iniciando assim o hábito de buscar nos livros lazer e cultura. Dinamizaram-se mil e uma atividades comunitárias, desde a participação na vacinação antipólio e a promoção das gincanas beneficentes até à Semana do



Livro e à Semana da Cultura — atividade realizada em cooperação com a Associação de Moradores do Bairro.

Buscamos fazer um São Vicente questionador, autocrítico, pensante: atualizando e renovando sua metodologia, discutindo seus conceitos de liberdade, autonomia, ordem, disciplina e caridade cristã; analisando suas limitações físicas e pedagógicas e suas contingências financeiras. E este não foi um processo de cúpula, mas envolveu toda a Comunidade Escolar. Foi ouvir o Aluno que está exigindo da Administração uma resposta a seus

apelos de mais espaço para o esporte e recreio. Foi minorar os problemas de uma 6ª série superpopulosa que exigia a criação de mais uma turma pela manhã e contratar Professores novos e integrá-los ao ser e ao fazer do São Vicente. Foi apoiar os Grêmios em suas necessidades de independência e auto-afirmação e oferecer uma infraestrutura para a realização de saraus, do "festão", das mesas-redondas, das Olimpíadas. Foi ouvir os Pais e estudar com eles problemas para os quais, muitas vezes, ainda não encontramos solução, como o da eliminação das aulas de Educação Física aos sábados, para as turmas de 5ª e 6ª séries. Foi promover encontros, palestras e trocas de idéias com gente que está trabalhando e vivendo como nós os impasses da Educação no mundo de hoje: e ouvimos Prof. Góes e Paulo Freire; e debatemos com José Louzeiro os problemas da violência e do menor abandonado; e reunimos Professores num esforço de elaborar subsídios para um regimento interno que venha a dar unidade de ação pedagógica a todos os setores da Casa; e ouvimos médicos e psiquiatras para orientar-nos no trato dos problemas da adolescência — numa promoção da Associação de Pais e Mestres.

Buscamos fazer educação nos 365 dias do ano e fomos, nas férias, com nossos Alunos, ao Caraça, aos Estados Unidos, ao Vale do Ipê. E ficamos mais juntos e nos sentimos mais integrados e tivemos ainda mais forte o sentido de Família. Esse foi também o sentido de reunião como a do Dia das Mães, a do Dia dos Pais, o da festa junina. Sentido de confraternização, de participação, de comunhão, que se estendeu ao regozijo de apresentar alguns de nós para o Batizado, a Crisma e a 1ª Eucaristia, e se estendeu ao luto pela perda de companheiros queridos.

O ano está por terminar e ainda há muito o que fazer: sentar junto e avaliar o que fizemos, preparar a Casa para o próximo ano e para receber os novos companheiros que chegam e que ao nosso lado irão travar outras lutas, viver novas esperanças, criar outros ideais.

Ao fazer este retrospecto-1980, o sentimento é muito menos de dever cumprido e muito mais de entusiasmo pela tarefa que ainda está por começar.

# JORGE LUIZ

## MOMENTOS DO PASSADO ou A SORTE GRANDE

*N. da R. Com este depoimento, em que transparecem a emoção, a amizade e a admiração, o Prof. Jorge de Paula homenageia o Prof. JORGE LUIZ DE SOUZA E SILVA, que foi até agora o Coordenador do 11º Grau e a quem todo o Colégio São Vicente se une, para o agradecimento mais carinhoso e mais amigo, na ocasião em que deixa seu Cargo.*

Sempre que se recebe a incumbência de falar sobre alguém, pensava eu, o esforço maior seria o de sermos capazes de relatar com carinho suas virtudes. Ou bastaria buscar dentro de nós o azedo da vida, para descobrir na pessoa seus mais escondidos defeitos. A intenção pode ser homenagear ou destruir.

Agora que esta situação me aconteceu, reconheço que na hora do perigo é que se conhecem os heróis, nunca antes.

Sinto-me vazio de palavras e preciso entender o porquê.

Voltam-me à memória idos do ano de 1967.

Lembro-me, agora, dos momentos que não pude perceber na ocasião, porque há os que não alardeiam suas ações.

Quantas crianças têm seu desenvolvimento limitado pela proteção excessiva a seus arroubos motores? Sorte daquela que tem a protegê-la quem seja capaz de controlar a própria ansiedade natural da proteção e ter a coragem de correr riscos.

Criação, só com liberdade.

Dar liberdade é tão difícil quanto saber usá-la.

Matar idéias, além de fácil, é cômodo.

Nada terá ocorrido e a idéia jamais mostrar-se-á frutífera ou não.

Sinto ter tido esta sorte.

Sinto ter sido algo muito grande.

Entendo agora por que as palavras me fogem.

Não são necessários virtudes nem defeitos para se sentir um homem. Não serão palavras soltas no tempo e no espaço que poderão explicar este homem. Um homem que construiu sempre, do exemplo do seu lar, onde me sinto bem, à vida — JORGE LUIZ.

*Prof. De Paula*

# O SOE EM 1980

Uma avaliação do SOE — Serviço de Orientação Educacional —, neste ano de 1980, deve estar necessariamente inserida no momento global do Colégio São Vicente, neste mesmo ano.

No contexto do "timing" da Escola neste 1980, encontra-se um referente da maior importância: a mudança do Diretor. Há sempre insegurança e perplexidade, diante de uma mudança, e serão tanto maiores quanto mais profunda for a mudança. Todos os setores da Escola — como era natural — viveram de uma forma ou de outra esta ansiedade.

Ora, tal ansiedade era também vivenciada pelo SOE, e, paradoxalmente, a ansiedade institucional é o próprio objeto de seu trabalho. Ou seja, é função do SOE o cuidado da "saúde" institucional, submetida, agora, ao fator ansiogênico da mudança ocorrida ao nível da Direção.

Os primeiros encontros do SOE com o novo Diretor já apontavam para caminhos de solução daquela expectativa ansiosa. Dia após dia, — alguns marcados pela serenidade da rotina, outros, pelo rebuliço da vitalidade do próprio processo educativo, — a Comunidade ia aprendendo a incorporar e a dissolver aquela ansiedade. Na minha opinião, o SOE jogava aí um papel muito significativo. Junto com os Alunos, os Professores, as Coordenações, as Famílias, os Inspectores e os demais setores da Casa, o SOE buscava dimensionar as dúvidas, as incertezas e aquela questão básica, que ficou consubstanciada em matéria publicada num periódico dos Alunos: "Qual é a do novo Diretor?"

Hoje, a Comunidade toda já pode perceber com bastante clareza "qual é". O Colégio São Vicente não mudou de direção (com d minúsculo), mas

ganhou um novo Diretor, que enfatizou aquela mesma Direção (com D maiúsculo) que havia ganhado com o antigo Diretor. Os ganhos que a Escola tinha alcançado com o Pe. Almeida agora estão somados com os ganhos brotados da fortaleza, sabedoria e entusiasmo do Pe. Lauro Palú.

Sinto ter sido esta a maior contribuição do SOE à Comunidade Educativa: ajudá-la a assimilar e a dissolver a ansiedade com que começamos o ano e a utilizar a energia liberada de sua solução para o crescimento do organismo escolar.

Quanto ao mais, a mesma proposta de trabalho que o SOE tinha, na declaração explicadora de sua identidade, continua válida. E é esta: a de integrar, para fins do crescimento do Educando, todos os recursos psicopedagógicos da Instituição. Para isso, trabalhamos co-participantemente com

os Professores, as Coordenações, as Famílias, os Alunos, os Inspetores, assessorando a Direção através de nossa participação no Conselho Peda-

gógico e nos Grupos de Trabalho que visam uma redefinição, reativação e uma prática mais efetiva dos Princípios de Filosofia Educativa que regem os

destinos do Colégio São Vicente de Paulo.

*Aluizio Oliveira, Coord. do SOE*

## NOSSO COMPANHEIRO DE TRABALHO

*Prof. Moacyr de Góes*

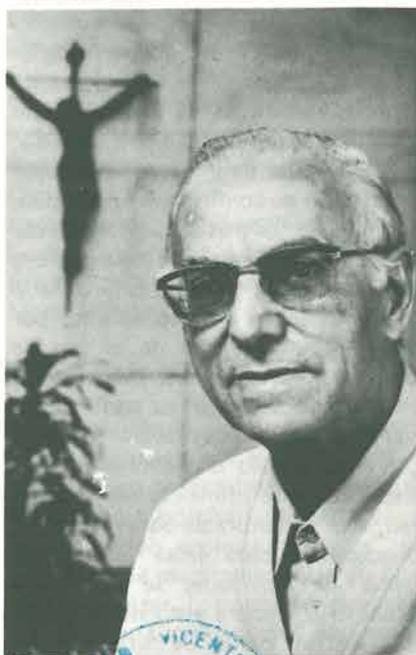
Sua presença nunca é imposta. Mas sempre é necessária. E foge do estresse como o diabo da cruz.

Nas discussões, sua intervenção só se faz quando solicitada e/ou para evitar que se cometam equívocos maiores. Os equívocos menores parece que não o afetam. Mas, quando a discussão se faz mais acalorada e começam a dizer "eu acho isso e aquilo", ele, mansamente, lê algumas estatísticas, uns levantamentos quantitativos ou de legislação e demonstra que o "achismo" é oco. Depois guarda seus apontamentos e quase pede desculpas por ter iluminado a discussão.

Como um artesão medieval, entende que o trabalho não deve ser partido e repartido como quer o sistema capitalista. De sua oficina, a produção emerge por inteiro — como o homem deve ser visto por inteiro: o operário e sua produção. Assim ele coleta, processa e distribui a informação da administração escolar, executando todas as etapas do processo. Por não haver divisão e subdivisão do trabalho, sua obra traz o dom do acabamento artesanal, e os operários da messe não são reduzidos a uma simples mão-de-obra tarefaira e inconclusa.

Sua vida se regula pelo labor humilde de registros, assentamentos, documentação e certidões; fixação de calendários e de prazos; elaboração de pautas com nomes, notas e faltas de alunos; lançamento e publicação de resultados e de avaliações; relatórios, regimentos e regulamentos. . .

Na realidade ele regula o tempo da escola. Mas essa competência, nas suas mãos, não se transforma em fonte de poder. Não é de seu estilo. O ano letivo não começa nem termina sem ele. Nem se desenvolve sem que ele marque o seu ritmo de aferições, avaliações, recuperações e promoções. O tempo de trabalho e o tempo de lazer de educadores e de educandos é por ele fixado



na definição do ano escolar e suas férias. Apesar de ser o "executivo" de toda essa obra, ninguém o vê à frente de auditórios a dar ordens e se fazer obedecer. Sua função principal é assegurar que a Casa esteja cumprindo os confusos e contraditórios mandamentos da burocracia oficial e preparar adequadamente o palco para que os atores — educandos e educadores — desempenhem os seus papéis.

Isso não quer dizer que ele não seja afirmativo. Na longa caminhada para a elaboração/vivência/teoria/prática de uma filosofia educacional, o seu lugar sempre esteve muito nítido. Nos diversos momentos em que as propostas de educação libertadora (Medellín) e da educação na e para a justiça (Puebla) estiveram em jogo, seu posicionamento

jamais foi ambíguo. A opção pelos pobres — a consigna de Puebla — encontrou nele a ressonância do sentimento da fé e do posicionamento político. Nele a opção pelo pobre não é uma postura intelectual; — é, antes de mais nada, o reencontro de sua origem de menino pobre e humilde.

No altar, sua presença é mais solta, seus gestos mais largos, sua voz mais forte. Parece até que tendo se humanizado mais do que o homem comum ele encontrou no Cristo encarnado a resposta mais clara às suas perguntas existenciais. Isso não quer dizer que haja um maniqueísmo: Calvário (mundo do trabalho) e Tabor (a celebração litúrgica). Pelo contrário: com suas especificidades próprias, a engenharia de sua construção humana se vale de elementos materiais e espirituais para fundir o Homem. E, nesta dimensão, até parece Malraux em sua "Condição Humana" quando discute a vida e seus valores.

No dia 3 de dezembro ele aniversaria. Por isso A CHAMA faz esse registro-homenagem ao Padre Francisco do Amaral Guerra. E o professorado e os funcionários do Colégio mandam um abraço fraterno ao *Padre Guerra* — nosso companheiro de trabalho.

ALIMENTE  
A  
CHAMA DE  
NOSSA  
COMUNICAÇÃO  
ANUNCIE

# PORTUGUÊS - CONTEÚDO E MÉTODOS

A cadeira de Comunicação e Expressão do Colégio São Vicente de Paulo vem passando por uma reformulação, tanto na dosagem dos conteúdos como na utilização de técnicas mais dinâmicas, sobretudo nas primeiras séries do 1.º grau, por enquanto.

A imposição de uma mudança didática se justificou pela constatação de uma distância, já antiga, entre o estudo e a prática lingüística, ao lado da existência de unidades de conteúdo não seqüenciadas. Nisto, aliás, poderíamos identificar a raiz da maioria das deficiências de aprendizagem do nosso idioma.

Em busca da redução do descompasso entre o estudo da língua e a sua instrumentalização, criamos um *Caderno de Novidades*, redimensionamos a *Redação* e projetamos as *Folhas de Atividades*, nas quais centralizamos o estudo do conteúdo, a partir da obra literária integral.

Pelo *Caderno de Novidades* a criança se vê na prática lingüística diária, manifestando-se livremente sobre tudo aquilo que lhe merece atenção. Os objetivos desta atividade se concentram na desmitificação do ato de escrever e, ao mesmo tempo, no desenvolvimento do senso crítico, já que o aprendiz se sente levado a observações mais detalhadas acerca da realidade cir-

cundante. Trata-se, antes, de um exercício mental, posto que só se fala o que se tem na mente. Assim, por sua importância, este nosso Caderno de Novidades já se acha implantado até o primeiro ano do 2.º grau.

Como extensão desta prática lingüística, nossos alunos, na sua totalidade, produzem semanalmente uma *Redação* em sala. Em vez de um tradicional tema despropositado, porque de surpresa, manifestam-se eles sobre um pensamento já exposto num texto, diante do qual devem apresentar uma contestação ou confirmação, ou, então, projetar-lhes outros aspectos, desde que fundamentados. Paralelamente a esta perspectiva crítica, reforça-se a transferência de conhecimentos, por meio da autocorreção de grupos de dois, após o professor ter assinalado as eventuais falhas, quer na codificação, quer na ordenação das idéias.

A implantação dos conhecimentos específicos, nas primeiras séries do 1.º grau, vem da leitura de obras literárias, adequadas a cada faixa etária. Nas *Folhas de Atividades* se explora o vocabulário, sempre visto no contexto da frase. A partir de situações do texto, a gramática elementar vai-se implantando por intermédio de transformações, em que se usam constatações e conclusões em vez de defini-

ções, por natureza abstratas. Serve, sobretudo, a obra literária para reflexões sobre a realidade circundante sugerida pelo texto. Em suma, todas estas realizações da Folha de Atividades se implantam através do debate constante, quando a criança se torna agente real do aprendizado, não passando o professor de um condutor da aula. Os trabalhos de compreensão e interpretação evitam que a obra fique esfacelada ante a exploração de tantos aspectos.

Por entendermos que a criança não pode refletir sobre o sistema da língua, sem antes dispor de um repertório lingüístico mínimo, o estudo organizado da língua só começa a processar-se na quarta série do 1.º grau. Neste momento, sempre partindo da observação dos fatos comunicativos, procede-se ao estudo sistemático e progressivo da língua, organizando-se as unidades de conteúdo de modo que uma se torne pré-requisito para outra e, assim, sucessivamente.

Tendo-se, portanto, uma prática lingüística, associada a uma aprendizagem seqüenciada, obtêm-se, de fato, efeitos muito positivos, posto que a criança não tem defeitos, mas etapas puladas.

Antonio Farias

## PRIMEIRA COMUNHÃO

Desde cedo, os Alunos pequeninos demonstram o desejo de receber a Primeira Eucaristia. Nas aulas de religião, recebem informações sobre as condições para participarem da Comunhão. Fraternidade, compromisso, relacionamento e outros são temas enfocados com regularidade.

Na 4.ª série, este desejo se torna realidade. Durante o 1.º semestre, a preparação para a Opção é mais minuciosa.

Em primeira instância, receber ou não a Eucaristia é opção das próprias Crianças. As que desejam participar convidam seus Pais para uma reunião

no Colégio, a fim de que, num contacto pessoal, se possam trocar idéias e assumir compromissos. Aos Pais é solicitada a presença nas palestras, quando são debatidos assuntos de seu interesse.

Nesse ano, a presença das Crianças nas aulas de preparação foi requisitada para os sábados, quando, em ambiente mais tranqüilo, os Professores Marlene e Atílio puderam desenvolver uma programação cuidadosamente planejada que foi enriquecida com a participação dos Alunos. E, demonstrando conhecimento profundo, visão plena e informalidade, Pe. Antônio Gomes Pereira par-

ticipou também da caminhada, assistindo aos Pais dos neo-comungantes, nas reuniões programadas.

Todos os preparativos para o Grande Momento se fizeram para a Comunidade toda estar solicitada a participar, num verdadeiro espírito comunitário.

As setenta e duas Crianças marcaram as Celebrações Eucarísticas para os dias 7 e 8 de dezembro, às 9 e às 15 horas. E convidaram nosso Diretor, Pe. Lauro Palú, para ser o Celebrante.

Marlene Lídia Blumh

# APM EM RITMO DE BODAS DE PORCELANA

(3ª PARTE)

Pe. José Pires de Almeida

## MATURIDADE?

Quantos fatores serão necessários a uma Sociedade para que se possa dizer "formada"? Estatutos? Diretoria? Auto-sustentação? Tudo isso possuía a APM até 1969, sem que se lhe pudesse atribuir o cobiçado qualificativo. Faltava-lhe começar a organizar a própria existência rumo a objetivos bem definidos. Questão de planejamento e de trabalho em equipe.

Parece ter sido o merecimento das Mesas Diretoras que se sucederam de 1969 a 1977.

### Diretoria Pougy (2 anos):

Pres.: César e Dorothy Rabello Pougy  
Vice-Pres.: Homero e Maria Luisa Secundino.

Rel. Públicas: Durval e Laura Couto  
Bibliot.: João e Illíada Souza Mendes  
Secret.: Thilso e M. Elza E. Cabral  
Tesour.: Júlio e Heloísa P. Rodrigues  
Assessores: Profs. Leodir Santos e Marlene Lídia Bluhm

Diretoria Torres de Mello (2 anos):  
Pres.: Carlos Alberto e Oneida T. de Mello

Vice-Pres.: Durval e Laura Couto  
Rel. Públicas: Karl Moll  
Bibliot.: Sebastião e Cecília A. Siqueira (cedo demissionários)  
1º Secret.: Ferdinando Passo Silveira e Senhora

2º Secret.: Profª Marlene Lídia Bluhm  
Tesour.: Apoliano e Cília Vale

(O casal Presidente anterior, de acordo com costume vigente, passou a integrar formalmente a equipe. A esta se acrescentou a presença de D. Dinah Ribeiro Costa, Funcionária do Colégio, da secção administrativa, que assumiu também incumbir-se da conveniente preparação da sala para as reuniões).

Diretoria Mendes Júnior (4 anos):  
Pres.: Plínio e Lea Mendes Júnior  
Vice-Pres.: Ivan e M. Célia Bustamante

Bibliot.: Ernane e M. Bernadette Camões  
Secret.: Thilso E. Cabral e Sra (1973-75)  
Marlene Lídia Bluhm (1975-77)

Tesour.: Apoliano e Cília Vale  
Assessor (e, posteriormente, Diretor de Promoções: Sérgio e Vera Gomes Coelho)

Assessores: Prof. Moacyr de Góes e Senhora, Márvio e Ana Maria Santos, Francisco Aragão e Senhora, Sérgio e Marta Milone.

## ELEIÇÃO COMPETITIVA

Comprovando a aspiração à maturidade, cogitou-se, em fins de 1968, de se levantar o maior número de nomes — considerados possíveis candidatos — e organizar dois ou mais "partidos", na esperança de mais consciência do pleito a se realizar. . . Formadas duas chapas, ferveu a política dos bastidores, mais eficaz que a dos comícios. O professorado tomou partido, correspondendo o resultado à expectativa.

Após a apuração, os vencedores convidaram os vencidos a aceitarem tarefas, reunificando o que a "campanha eleitoral" tinha estrategicamente separado. Entretanto, o "clima" de colaboração não conseguiu refazer-se entre os "correligionários" como entre os "políticos". Quando das eleições seguintes, voltou-se ao velho sistema da "chapa única".

## DESTAQUES

Além da promoção anual da festa junina, a APM entrou em ritmo de presença freqüente à vida do Colégio. Com reuniões mensais bem planejadas, as sucessivas Diretorias se foram habituando à co-participação e, portanto, à consciência clara da equipe dirigente...

Resultaram numerosas promoções: Feiras do Livro, cada vez mais organizadas com intensa participação dos Alunos; conferências e projeções — re-

corde-se a conferência tão formativa de Armando Nogueira por ocasião da preparação da Copa de 70; lembre-se igualmente a projeção, em 1ª mão, do filme Apolo VIII, cedido pela Embaixada Americana. — No plano social, a reorganização do sistema de ajuda aos Alunos e Funcionários necessitados. No pedagógico, a edição do folheto "Como ajudar seu filho a estudar". Por fim, o sistema de colaboração com o Grêmio.

## "PIONEIROS"

O "Clube dos Pioneiros" foi interessante testemunho de criatividade e organização, partido de um grupo de Alunos do então curso ginásial, no sentido do trabalho manual, carpintaria, mecânica, aeromodelismo. . . Na sua curta duração, teve ampla cobertura da APM, que lhe financiou audaciosos projetos, dando-lhes sede provisória, no saguão do refeitório, hoje transformado em capela, e, por pouco, não construiu para eles uma oficina em grande forma.

## MESTRES — FUNCIONÁRIOS PAIS DE ALUNOS

A presença à vida do professorado, através de oportunos contactos e do trabalho conjunto, assim como à dos Pais de Alunos, trouxe, igualmente, novas dimensões à atividade da APM. No dia do Mestre, além da homenagem do Colégio, a Diretoria da APM introduziu o costume de oferecer-lhes uma lembrança, quase sempre individual, e, no final do ano, tornou-se habitual o "Natal" dos Funcionários não professores e seus filhos menores. Nos últimos anos, se vem aperfeiçoando o sistema; é o "Natal da Casa", reunindo representações de toda a Família do Colégio.

## NOVOS PAIS

Desde 1972, os novos Pais de Alunos têm sido convocados, dias após o início do ano letivo, para um tríplice entrosamento:

— Reunião no auditório, com apresentação da Filosofia Educacional do Colégio e de seu funcionamento global, da APM, da Associação das Senhoras da Caridade, dos Grêmios.

— Descendo do 4º andar, percorrem, de passagem, as salas de aula e outras instalações, para atingirem, no térreo,

— o inevitável "chopp da amizade". A experiência tem confirmado o acerto da medida. Neste dia, os Pais "começam a se matricular" no Colégio dos filhos.

## O EX-ALUNO

Em 1973, sete turmas já haviam saído do Colégio rumo à Universidade. As primeiras turmas de 67, 68 e 69, bem pequeninas, ficaram por muito tempo informalmente ligadas ao Colégio. Ao todo, eram uns 60 Ex-Alunos, dos quais a terça parte costumava vir quinzenalmente, em grupo, para uma "pedrada" amiga. Com o término da Faculdade e os novos caminhos da existência, a vinda ao Colégio foi sendo deixada para uma ocasião mais significativa... A sucessão das turmas, cada vez mais numerosas, vai sempre acompanhada da interrogação: por que não se funda a Associação do Ex-Aluno? Muitos são os motivos da resposta, se não negativa, pelo menos evasiva. Entre todos, o principal é a absoluta falta de espaço construído para servir de

sede. Não deixa igualmente de influir, como causa de hesitação, o "esvaziamento" de certas Associações de Ex-Alunos de Colégios mais antigos.

Não sendo viável a curto prazo a Associação de Ex-Alunos, por que não se programar o "Dia do Ex-Aluno"? Nada de mais simples: convidar-se-iam todas as turmas egressas do 3º ano do 2º grau para um encontro numa tarde de sábado. Os Professores estariam presentes, juntamente com a Diretoria da Casa e os membros da Diretoria da APM. Haveria alguma "função comunitária", seguida de bate-papo ao lado de um barril de chopp e batatas fritas. E só... Pensado e executado. Sucesso total. Nos anos seguintes, foi só repetir o esquema. Seis anos depois, com o número muito grande de Ex-Alunos, surgiu a necessidade de uma reformulação dessa festa.

## 1º ANIVERSÁRIO - 3 REFLEXÕES

A data de 11 de dezembro assinala o aniversário do Padre Lauro Palú e, praticamente, o término do seu primeiro ano letivo como Diretor do Colégio São Vicente de Paulo. A coincidência induz a várias reflexões.

A primeira: o caráter viajor dos padres da Congregação da Missão. Hoje aqui, amanhã ali. As raízes têm que crescer rapidamente, pois, logo em seguida, o trânsito deve continuar e não se saberá onde será "armada a tenda do peregrino do absoluto" no próximo dia. Mas, se o Filho do Homem "não tinha uma pedra onde repousar a cabeça", por que se preocupar? Cada dia trará suas aflições próprias e o importante é que a obra seja continuada. Se o homem é um ser inconcluso, a obra também o será. Mas homem e obra terão que crescer "na graça e na sabedoria", como ensinou o Menino aos sábios do Templo.

A outra reflexão é a acumulação de experiências vividas e trocadas na Direção da Casa. Se é verdade que há muito o Padre Lauro Palú acompanhava a vida do São Vicente (através de informa-

ções de seus pares, de leitura de documentos produzidos pelo Colégio e de um rápido conhecimento com alguns de seus professores), este ano de 1980, foi, sem dúvida, o seu "batismo de fogo", no contato direto com a educação de adolescentes leigos. A vivência da nova realidade terá contribuído para o seu crescimento pessoal e para o crescimento da comunidade docente/discendente que o acolheu.

Esta comunidade cedo percebeu que o Diretor é um homem do diálogo. Que acolhe a maior gama de informações. Anota. E só então decide. Por isso defende sua decisão com grande empenho. Assim não só no Conselho Pedagógico, mas no trato das questões diárias, os principais traços da personalidade do Diretor já se tornaram visíveis para professores, alunos e funcionários do São Vicente de Paulo. Em alguns momentos acomodando-se à "cultura organizacional" da Casa e em outros questionando-a, o Padre Lauro Palú já abriu no Colégio o espaço que identifica a sua liderança.

A terceira reflexão é mais uma pro-

jeção. O que nos reserva o futuro?

Sem futurologia, mas como aprendiz de feiticeiro da História, podemos distinguir, os próximos anos, um aprofundamento da crise na qual vivemos hoje.

Não existe uma crise *no* ou *do* São Vicente. Como não existe uma crise *na* ou *da* educação brasileira, somente. *A questão da educação é a própria questão brasileira.* Sem a solução da crise da totalidade não poderemos administrar, corretamente, a crise setorial da educação. Isso não nos leva ao imobilismo, nem à postura de "quanto pior, melhor". Antes nos leva a dimensionar, modestamente, o que pode ser feito pela educação brasileira, o que pode ser feito pelo São Vicente. Modestamente porque os passos que serão dados estarão limitados em parâmetros definidos por fatores que estão fora da escola e fogem ao nosso controle.

A visão crítica do desenvolvimento das forças produtivas brasileiras, do seu modelo sócio-econômico, de sua prática política, etc., nos ensina que somente uma transformação profunda de

nossas estruturas poderá viabilizar a superação dos nossos impasses. A educação está num desses impasses.

Esta reflexão não está marcada pelo pessimismo. A nossa percepção realista é, também, otimista na medida em que testemunhamos as potencialidades do país e acreditamos na capacidade criadora do seu povo. O que é preciso ficar claro, todavia, é que, na hora das necessárias transformações das estruturas sócio-político-econômico-culturais, a fé somente "removerá montanhas" se o Homem estiver lá com a alavanca de

seu engenho e de sua "comunhão e participação".

Esta reflexão —que fica em aberto para ser discutida com todos — se completa com o conteúdo da segunda reflexão: isto é, da importância de termos no timão do São Vicente, nesta hora, um homem aberto ao diálogo e à participação.

Adepto da educação libertadora (Medellín) e da educação na e para a justiça (Puebla), ao Padre Lauro Palú estarão reservados dias de graves questionamentos quando a crise brasileira se

aprofundar, com inelutáveis reflexos no São Vicente. Sem visões apocalípticas, mas, pelo contrário, serenamente, A CHAMA confia que, nestes futuros momentos, a fé, a ciência e o talento serão as armas usadas pelo Diretor.

Afinal dele se pode dizer que é um homem do seu tempo, o que lembra a lição de Sartre quando afirmava:

— Este pode não ser o mais fácil e o mais belo dos tempos. Mas é o meu tempo.

*Prof. Moacyr de Góes*

## NATAL

Das várias festas da Cristandade, o Natal tem sido, através dos tempos, celebrado com dedicação especial. É festa de alegria, do novo, da esperança. O Messias aguardado que nasceu entre os homens. O acontecimento que comemoramos nos toca de tal forma que se acostumou fazê-lo mais presente em nossas casas no presépio que comove grandes e pequenos pela conjugação de situações tão distantes como o singelo e o soberbo, o atual e o antigo, o belo e o pobre, o divino e o humano.

Nos nossos dias, observamos que a data perdeu algo de sua unidade e se despreendeu em dois natais: o natal do Papai Noel e o Natal do Menino Jesus.

O natal do Papai Noel é a festa do comércio. Papai Noel tornou-se o símbolo dos presentes, dos créditos, das prestações. A casa cheia de convidados, a mesa farta, — a alegria criada pelo consumo. Esta é, certamente, a festa de poucos: os poucos para quem Papai Noel chega, apesar do que nos comunica a cantiga popular. "Como é que Papai Noel não se esquece de ninguém?" Mas Papai Noel se esquece de quase todos em nosso mundo. Quem não se esqueceu de ninguém é o Menino Jesus que veio para todos e, para tanto, tomou as vestes do pobre, nasceu numa manjedoura e cercou-se de pastores e animais do campo.

O Natal do Menino Jesus há que ser simples, pobre e compartilhado, vivido sem rancores entre os homens, buscando reunir e encontrar.

Precisamos escolher qual dos dois natais iremos celebrar em nossa casa. Se é o natal do Papai Noel, devemos, então, nos pôr em marcha e avançar sobre o comércio, para comprar, comprar, comprar. . . E quando o Menino Jesus chegar, na noite de Natal, há de nos encontrar arriados pelo cansaço e de bolsos vazios.

Se optarmos pelo Natal do Menino Jesus, vamos tentar aprofundar laços de amizade, aumentar a compreensão entre os nossos, entender a crise dos adolescentes, as travessuras das crianças, a inquietação dos velhos, as angústias dos amigos, o mau humor de nosso cônjuge. Vamos procurar palavras de ânimo, sair um pouco de nós mesmos e saber ouvir quem nos fala e, finalmente, ter um gesto generoso para os que estão fora de nosso meio e de nosso círculo de relações. Vamos meditar sobre o anúncio dos Anjos: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade". E então iniciaremos a busca da paz que só se alcança na Justiça e no Amor.

*Lourdes Tura*

## ENCERRAMENTO DO 1º GRAU

Os alunos das 8<sup>as</sup> séries do C.S.V.P. estarão reunidos pela última vez — como membros do 1º grau — no dia 18 de dezembro próximo. Não haverá entrega de diplomas ou certificados. Haverá, sim, um momento de reflexão e preces: a Missa em Ação de Graças, na Igreja São Judas Tadeu, às 20:30 h.

Estão convidados todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para o êxito desta caminhada: Pais, Professores, Coordenadores, Funcionários, Inspetores, Familiares e Amigos.

Evidentemente, a este encontro também devem estar presentes os Alunos que, por motivos diversos, não alcançaram este ano a aprovação para o 2º Grau. Estes também colaboraram para que a 8ª série de 1980 formasse um grupo merecedor do total apreço de todos quantos com eles conviveram.

*Sérgio Drago*

ALIMENTE A  
CHAMA  
DE NOSSA  
COMUNICAÇÃO  
ANUNCIE

# O GRUPO CALABOUÇO

*"DOSSIÊ" SOBRE O GRUPO CALABOUÇO E O ESPETÁCULO  
"DEUS E O POVO – MINHA IRA E MINHA ESPERANÇA"*

*NOTA DA REDAÇÃO: Aqui vão reunidos alguns textos e depoimentos que interessarão muito à vida do Colégio São Vicente, pelo que representaram, como tomada de consciência das possibilidades e responsabilidades de nossa Comunidade Educativa e sobretudo como defesa de nosso direito de continuar existindo com características próprias e com fidelidade ao que o Colégio foi até hoje e sonha ser sempre.*

*Há, nestas páginas, um relato histórico do que precedeu e seguiu a apresentação do espetáculo teatral "Deus e o Povo – Minha Ira e Minha Esperança", acompanhado de entrevistas com os Atores, seus Pais, o Diretor do Teatro e o Diretor do Colégio.*

## Crônica dos acontecimentos

O Grupo Calabouço realizou, em agosto e setembro de 1980, uma série de apresentações da peça "DEUS E O POVO – MINHA IRA E MINHA ESPERANÇA". A peça é uma colagem de textos de Autores nacionais, bastante conhecidos e já encenados, e de textos traduzidos de Autores estrangeiros.

A colagem nasceu da discussão de temas atuais entre os Alunos e o Diretor da peça. Foi realizada ampla discussão de temas e a escolha recaiu sobre o que se comenta como *Igreja progressista*. Foram escolhidos também trechos ou episódios de maior dramaticidade, que permitissem o desenvolvimento de técnicas de teatro e o debate sobre a mensagem e a própria obra de cada Autor, e que fossem capazes de despertar a atenção e o interesse dos Alunos do Colégio São Vicente.

Na verdade, a peça apresenta 2 fases bem distintas. No início, as seqüências buscam mostrar um quadro de conflitos e situações complexas, onde a busca da dignidade humana e da fidelidade a uma verdade são uma constante. Em seguida, as cenas apresentam a situação de solidariedade – na visão cristã, a fraternidade que une todos os homens – e a situação de testemunho, ambas como encontros do Povo de Deus com seu destino de Filhos de Deus.

A seqüência final é a da sagração de Dom Pedro Casaldáliga, no meio de seus Índios, despojado de suas vestes eclesiais, revestido de seu carisma de representante de Deus na terra e assumindo sua condição de intérprete da ira e da esperança de seu Povo.

A estréia se deu a 21 de agosto de 1980.

A peça é bastante polêmica. Por isso mesmo, existe um "segundo ato", que é o *debate*. O debate não chega a ser uma novidade. Sempre existiu no Colégio como forma de explicitar melhor o próprio teatro, de situar o teatro no contexto da filosofia educacional do Colégio e de aprimorar a técnica dos Alunos.

Neste caso, o debate foi mais do que necessário. Não só os Alunos sentiam necessidade de discutir. Os Pais e Professores também. Isto, porque o texto, de uma forma ou de outra, mexia com cada um de nós. Todos nós, de certo modo, vivemos o drama de ver as injustiças, conviver com as opressões e repressões, participar de um modo de vida que tantas vezes violenta nossas personalidades. E todos nós, de alguma forma, lutamos por gestos de solidariedade, brigamos por um pouco mais de equidade ou damos nosso grito de ira e nosso testemunho de esperança.

Na 1ª apresentação, houve um incidente. Um dos espectadores e sua esposa tiveram uma reação forte contra o espetáculo. Embora não tenham querido participar do debate, fizeram saber ao Diretor do Colégio que levariam suas restrições ao conhecimento do Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, pedindo providências.

Na 2ª apresentação, 22 de agosto, já vieram assistir à peça dois Padres (com alguns leigos), a pedido do Bispo Auxiliar do Rio, Dom Karl Josef Romer (comissionado pelo Sr. Cardeal para estudar a questão), para lhe levarem informações sobre o espetáculo e os pontos considerados passíveis de crítica. Convidados nominalmente para o debate, saíram logo após a encenação. Dia 23, pela manhã, Dom Romer

solicitou ao Diretor do Colégio, Pe. Lauro Palú, uma cópia do texto, que lhe foi levada e entregue (somente) depois que Dom Romer indicou as razões da interferência no Colégio: a responsabilidade pastoral do Sr. Cardeal, que deve velar para que não se espalhem doutrinas ou ideologias perniciosas, sobretudo num Colégio católico.

*A Direção do Colégio entendeu que o assunto, pela gravidade de uma interferência nos seus assuntos internos, não deveria ser discutido e tratado somente entre o Diretor e a Autoridade Eclesiástica, mas deveria ser discutido com a Comunidade Educativa do Colégio.*

Dom Romer, em carta ao Pe. Lauro (de 31 de agosto), apresentou as restrições que julgava dever fazer à peça, sobretudo à visão histórica, que lhe pareceu distorcida, pouco objetiva e comprometida por preconceitos ideológicos. Também apresentou restrições à imagem da Igreja como é apresentada, pois era, a seu ver, caricaturizada, em alguns personagens.

Dom Romer não viu como pudesse não julgar urgente que tal apresentação fosse sustada imediatamente pela autoridade competente e que os defeitos da visão histórica fossem sanados em exposições ou aulas, por professores sérios e competentes, e que se transmitisse aos Jovens a visão adequada da Igreja e de seu Mistério.

A Direção do Colégio combinou, com o Diretor do Teatro e os Atores, a suspensão temporária da peça, aguardando o regresso de Dom Romer que, entretanto, viajara à Alemanha. Os Pais dos Atores se mobilizaram, para levar à Autoridade Eclesiástica seu ponto de vista. O que escreveram ao Sr. Cardeal (carta de 9 de outubro) e

disseram pessoalmente a Dom Romer (recebidos em Palácio) se resume nestes pontos sérios:

a) O Colégio São Vicente adota uma filosofia educacional que procura criar condições de aprofundar nos Alunos a consciência de sua dignidade humana, favorece sua autodeterminação e promove seu senso comunitário, com espírito ecumênico, em atitude de reflexão e diálogo, criando espaço para o pleno e integral desenvolvimento dos Jovens.

b) A maioria dos Pais optou pelo Colégio São Vicente por causa desta orientação. E, por isso, alterar essas linhas ou abrir mão delas deixa de ser uma prerrogativa unilateral dos seus iniciadores, pois essa prática passa a integrar o patrimônio cultural da Comunidade e da própria Igreja.

c) Os Pais querem conservar, no Colégio, os espaços para a livre expressão intelectual e artística dos Adolescentes, para os ajudar a não derivarem suas forças para atitudes incoerentes como as da contestação sistemática ou degenerada (chegando até aos movimentos armados das guerrilhas urbanas), se forem frustrados em sua necessidade de liberdade responsável e criadora.

d) Os Pais ressaltaram ainda o esforço de criação artística de seus Filhos, o proveito que eles e seus companheiros puderam ter, nas encenações e nos debates. Ressaltaram também o que os Jovens puderam pesquisar e aprender sobre a Igreja e a Religião; a consciência dos problemas sociais; o crescimento como pessoas, trabalhando em grupo amigo e solidário; a capacidade maior, que agora têm, de discernir os valores que o Homem busca, apesar das limitações de sua natureza ou de suas circunstâncias.

e) E ainda isto: a peça criou condições para o diálogo dos Pais com os Filhos, discutindo-se temas nem sempre oportunos ou fáceis de abordar, como os da peça.

Dom Romer esteve no Colégio, dia 6 de novembro, para debater a questão, com a Comunidade Educativa. Participaram da reunião os 4 Padres da Direção, o Diretor do Teatro, 2 Orientadores Educacionais, 10 Pais e Mães, o Casal Presidente da APM, 4 Atrizes e 2 Atores. Dom Romer trouxe um de seus assessores eclesiais e uma Mãe que também fazia sérias restrições à peça.

Foram apresentadas de novo as críticas à peça, inclusive às intenções dos

Jovens do teatro, e também as razões dos Jovens e a posição da Comunidade Educativa. A reunião durou 5 horas tensas e acaloradas. E evidenciaram-se diversas coisas:

a) uma visão setorizada dos quadros ou personagens leva a críticas válidas mas possivelmente não tão cabíveis, no conjunto do texto.

b) A visão de cada personagem ou de cada aspecto precisará ser completada com o debate, o estudo, a vivência.

c) A discussão não pode ser feita numa atitude pietista ou apologetica, diante do mundo pluralista que nos cerca e que vive no Colégio.

d) É necessária a visão social dos problemas.

e) É bom distinguir o conteúdo do texto (certamente passível de críticas e de melhorias) e a necessidade de preservar aberto o espaço da criação, da crítica e da pesquisa.

f) O contexto da peça é o dos livros ou textos de onde foram tiradas as suas partes, mas também é criado pela própria colagem dos trechos e pela "mise-en-scène" e depende do próprio dia-dia dos Jovens e do Colégio.

g) Não se deve confundir a Igreja com Hierarquia Eclesiástica. Também são Igreja os Jovens Atores e as pessoas que eles representaram, nas várias situações enfocadas.

h) Era impossível colocar num só texto teatral todos os dogmas católicos, todas as verdades, que também foi impossível tentar explicar e discutir nos debates e nessa própria reunião, tão prolongada.

i) Mais que discutir a peça, cujas ambigüidades e limitações todos acabaram por ver, importa colocar o problema da censura, com suas conseqüências para as pessoas e a sociedade.

j) Só a boa vontade evidente dos Jovens não justifica, por certo, que se omitam os valores básicos da visão cristã da vida e das realidades humanas e sociais. Os critérios de ação e sobretudo os valores cristãos precisam estar presentes no que propomos aos outros. Nisso, vai a responsabilidade do Cristão e do Educador.

Como conclusão, a Direção do Colégio propôs, com força, a Dom Romer e a todos os interessados, que se conservassem abertas duas saídas: a) a criação de um novo texto, sem os aspectos negativos apontados; b) a apresentação do mesmo texto, precedido e seguido de um trabalho sério de preparar a Co-

munidade Escolar para o espetáculo, suas mensagens e suas conseqüências, e de ajudá-la a superar, em debate e estudo posterior, as limitações do texto.

Pe. Lauro agradeceu a Dom Romer seu trabalho com o Grupo e garantiu o esforço do Colégio para preservar sua autonomia, que será tanto maior quanto mais a Autoridade Eclesiástica confiar na Comunidade Educativa do São Vicente. E Dom Romer finalizou chamando todos à grave responsabilidade que nos cabe, diante de um Ideal maior.

## OBSERVAÇÕES FINAIS

a) A peça não voltou a ser encenada, por um dos Atores se ter acidentado gravemente, ficando impossibilitado de andar por 2 ou 3 meses.

b) Os Pais dos Atores escreveram ao Sr. Cardeal, dia 17 de novembro, agradecendo o zelo, a atenção e a paciência de Dom Romer, na reunião, e suas intervenções que ajudaram enormemente a ver melhor ou a corrigir pontos de vista confusos ou errados. Destacaram, com essa resposta ao Sr. Cardeal, que cabe ao Educador, aos Pais e aos Alunos, no campo de sua competência, uma responsabilidade grande, para ajudar no aprofundamento das linhas educacionais do Colégio, criando e mantendo abertos os espaços necessários para atingir os objetivos de uma educação integrada. A esperança maior é a de não haver retrocesso na orientação educacional do São Vicente patrimônio também dos Pais e fruto da dedicação e empenho da Direção e do Corpo Docente do Colégio.

c) Graças a Deus, o Grupo Calabouço não precisou passar a chamar-se Grupo "Cala a Boca!"

(Resenha histórica preparada por Ricardo Rebouças de Andrade e Pe. Lauro Palú).

## II – ENTREVISTA COM O O DIRETOR DO TEATRO

A CHAMA: O que vocês enfocaram principalmente na peça?

ALMIR TELES: Não nos preocupamos tanto com o lado teológico, com os dogmas e preceitos litúrgicos. Jesus Cristo seria o nosso ponto de partida. E nosso ponto de encontro seria a atividade social da Igreja.

A CHAMA: E o resultado, afinal?

ALMIR TELES: Eu poderia dizer que foi positivo para todos. Até os obstá-

culos e repressões foram positivos. Estudamos, aprendemos a amar um pouco mais, ficamos juntos. O Grupo agradece a todos os que ajudaram e principalmente ao Pe. Lauro Palú, que, entendendo o nosso empenho e nossa boa intenção, nos apoiou numa atitude verdadeiramente cristã: Amigo, corajoso, sensível e acima de tudo sacerdotal.

Eu gostaria de dedicar esse espetáculo, em nome do Grupo, a todos os que fazem a Igreja progressista e não progressista, a todos os que sofreram e aos que fizeram sofrer, aos Alunos do São Vicente e principalmente a Rachel Rache de Andrade, Ana Lúcia Martins e Marcelo Muricy, que este ano se despedem do Colégio e que dedicaram grande parte do seu tempo ao Grupo Calabouço.

### III — ENTREVISTA COM OS ALUNOS ATORES

**A CHAMA:** Por que vocês escolheram este assunto?

**ANA RACHE DE ANDRADE:** Formado o Grupo, foram dadas várias sugestões para um trabalho novo, uma nova peça.

Dentro das propostas apresentadas, a que mais nos empolgou, pela sua atualidade (estávamos na época da Greve do ABC Paulista, com a Igreja assumindo uma posição definida) e por ser um tema que estava intimamente ligado ao Colégio e aos Alunos, foi a de fazer um trabalho sobre a Igreja progressista, e, após pesquisas, conseguimos dar uma linha cronológica à peça.

**A CHAMA:** Como fizeram a escolha dos textos?

**RAQUEL RACHE DE ANDRADE:** Depois de escolhido o tema, começamos a buscar tudo o que estivesse relacionado com o assunto. Estando com um material grande, pensamos no seguimento que a peça teria, e, a partir daí, optamos por textos e peças que condiziam com essa linha. E esses textos foram pesquisados em jornais, revistas e livros, e debatidos inclusive com pessoas informadas.

**A CHAMA:** O que vocês sentiram com a peça?

**IRMA HIRSZMAN:** Me senti muito bem com a peça. Em vários sentidos. No plano emocional, foi incrível. Senti muita emoção e amor também. Foi algo que marcou a minha vida. Uma lembrança boa, verdadeira. A força que a peça transmite e a força que sentimos ao transmitir a peça vêm de uma pro-

posta sincera e verdadeira. Deixar de apresentar essa peça é como cortar um pedaço de mim e cortar toda a vida que ela representa e toda a verdade também. É uma proposta honesta de tentar compreender a verdade. A peça não é uma palavra final. Ela é apenas o começo da descoberta.

Não posso traduzir em palavras o que é a emoção de apresentar um trabalho a que nos dedicamos meses e sentir a recepção do público, dos amigos. Sentir que as pessoas captaram o sentido da peça é sentir que houve transmissão. Poder transmitir uma idéia através do teatro é poder viver melhor para quem gosta de teatro realmente.

O tema da peça também é fascinante.

**A CHAMA:** A peça mudou em vocês a concepção de Cristo e da Igreja?

**CLAUDIO BOTELHO PACHECO:** Sim, posso dizer até que mudou radicalmente a minha visão de Cristo e da Igreja. Antes de trabalhar na peça, eu via a Igreja como algo muito distante e misterioso. Pensava que a religião católica era somente um conjunto de dogmas espirituais e teóricos, e até um tanto fantasmagóricos. Cristo também me parecia um ser mágico, um ente superior e poderoso, porém distante.

Com a peça, essa imagem mudou muito. Comecei a ver uma Igreja e um Cristo mais concretos, existindo também nas coisas objetivas e simples. Tenho certeza de que Cristo estava conosco no palco, nas apresentações, concordando e apoiando as nossas ações e as nossas palavras.

**A CHAMA:** O que vocês sentiram do movimento de solidariedade?

**ANA LÚCIA MARTINS:** Senti, em primeiro lugar, um impacto. A mobilização de todos os setores da Comunidade Educacional me parecia muito difícil e, pelo contrário, me surpreendeu a força e a objetividade com que esses setores se organizaram. A partir daí, a surpresa inicial se transformou em muita força. Me senti forte, pois não estava sozinha. Isso foi muito importante, na medida em que conversei e discuti com Pais, meu Diretor e meus Professores, em que revi falhas e propus soluções.

Cresci como Aluna, Atriz e Pessoa, sendo esse crescimento fruto de uma participação e de um questionamento em conjunto.

### IV — ENTREVISTA COM PAIS E ALUNOS

**A CHAMA:** Quais as suas impressões, quando a senhora viu a peça pela primeira vez?

**D. NORMA PEREIRA REGO:** Minha impressão, ao assistir à peça DEUS E O POVO — MINHA IRA E MINHA ESPERANÇA, foi a de estar de novo vendo teatro como era feito antigamente, com espírito e coração, sem intuídos comerciais, sem fórmulas para o gosto da moda, um exercício de pensamento, de comunhão, de arte. O que faltava em técnica era suprido com o calor do entusiasmo, a coisa mais bonita do mundo. Fiquei muito orgulhosa de ver minha filha participando desse trabalho e percebi que estava certa em escolher o São Vicente como casa de estudo para ela. O debate que se seguiu ao espetáculo foi também muito revelador e nele aprendi coisas, como na peça. Um grande momento.

**A CHAMA:** Como o senhor viu os debates?

**EDUARDO DUTRA DA FONSECA:** A iniciativa de promover debate após a apresentação da peça é bastante louvável, pois, além de proporcionar importante "feed-back" para os Jovens Artistas, representa oportunidade de melhor percepção da riqueza contida no texto encenado. Um bom texto teatral transcende às próprias intenções do Autor e de quem o produz. Foi o que se passou. Isto ficou bem claro na diversidade de leituras que os debates colocaram à mostra. Elas eram função dos referenciais prévios de cada um. Mais uma vez ficou demonstrado que a verdade não tem dono.

Pensamos que os debates poderiam ser mais efetivos se contassem com um coordenador. Muitos escutavam e poucos falavam. As intervenções se faziam justapostas, faltando alguém que desse seqüência à dinâmica que uma ou outra observação gerava. Considerando, entretanto, a falta de costume do brasileiro para o debate de idéias e a participação, o que se viu no São Vicente foi altamente encorajador.

**A CHAMA:** Há algo que ver entre a peça e a filosofia de educação do Colégio?

**ANTÔNIO CARLOS e CIDA PANTOJA FRANCO:** O discurso que o Colégio São Vicente faz sobre sua filosofia de educação é muito discreto, parcimonioso. . . O que temos em mente é a observação da vida escolar de nossos Filhos, que nos leva a perceber algumas linhas da prática educativa do Colégio:

— Nossos Filhos exercitam a possibilidade de agir, de ter iniciativa, inventando, participando de grupos, campanhas, eleições do Grêmio, reivindicações, atividades sociais e culturais, tais como festas, saraus, teatro, jornal.

— Liberdade de expressão, de manifestação do pensamento é outra situação constantemente vivenciada pelos Meninos. Através dela, como adolescentes que são, eles exercitam a sua irremediável necessidade de conviver, de se comunicar, de verbalizar e manifestar por variadas formas suas necessidades, conflitos, afetos. . .

— O apelo à responsabilidade é inerente à liberdade gradativa que é dada ao Aluno, conforme cresce em idade, em nível escolar. Há normas, há estímulo à observação das mesmas, mas não há imposição em seu cumprimento. As sanções são decorrentes de um acordo que o Aluno conhece.

E o teatro. . . O teatro é uma das manifestações mais ricas dessa filosofia e prática educativa. Atividade opcional, espaço crítico, criação de grupo, apaixonante para os que dela participam. . .

A peça: a escolha do tema, a colagem dos textos, o laboratório de expressão corporal, a criação musical, a montagem, a encenação e a exposição ao debate são a expressão concreta do clima da educação que o Colégio mantém.

*A CHAMA:* Como o senhor sentiu o movimento de solidariedade dos Pais?

*FRANCO MACCARIELLO:* Senti muito contente em participar deste grupo de Pais que, espontaneamente, começou a se reunir e a procurar meios de externar nossa solidariedade para com nossos Filhos, que, sem deixarem de atender aos deveres escolares, acharam tempo e meios para montar uma peça que prendeu a atenção e sacudiu a todos que a assistiram.

Este diálogo dos Pais, ativamente acompanhado por nossos Filhos, reaproximou-nos todos, Pais, Filhos e Colégio, em um ambiente mais humano e completo.

*A CHAMA:* Que espaço vocês estavam defendendo: o dos Filhos, o do Colégio ou o de vocês mesmos?

*DIONYSIA RACHE DE ANDRADE:* Partindo desta afirmação: "Nós escolhemos o Colégio para nossos Filhos", fica difícil separar os espaços, não porque eles se confundam, mas porque se entrecruzam.

Entretanto, levando em conta que o Colégio é o termo mais variável nessa relação (porque o objeto da escolha não é determinado, enquanto os Pais o são sempre dos mesmos Filhos e vice-versa), e também considerando o consenso reconhecido nas diversas reuniões de Pais, posso dizer que o espaço que se defendia, prioritariamente, era o do Colégio.

De um Colégio que se propõe, como nós, acompanhar o imprevisível movimento do adolescente: seu questionamento, seu ódio e até mesmo seu amor. De um Colégio que, supomos, acredita que dar espaço para esta inquietação é permitir que o Jovem se aproxime do seu próprio texto, isto é, de sua identidade, e do seu contexto, o social.

Agora, se a pergunta pretende uma resposta de um nível menos consciente, quem me garante que eu não lutava também por um espaço para mim: passado, presente ou futuro? Ou por solidariedade a um espaço meu — mais questionado, lidando com mais dúvidas do que certezas, quem sabe, com mais esperança do que ira?

## V — ENTREVISTA COM O Pe. LAURO PALÚ

*A CHAMA:* Qual o objetivo do teatro, de agora em diante, no São Vicente? O espaço permanece aberto?

*Pe. LAURO PALÚ:* Sempre recuso a censura e sobretudo a autocensura. Todos pudemos tomar consciência da responsabilidade de quem cria um texto, um espetáculo, uma promoção. Prever e ponderar as conseqüências de uma atitude, e depois optar, mesmo correndo um risco, não é autocensurar-se, e também não é leviandade. Não precisa ser excesso de prudência, nem deve ser infantilismo, constestação, reivindicação puramente instintiva ou provocação.

É claro que o espaço de pesquisa e crítica permanece aberto, sobretudo agora que aprendemos na luta as conseqüências de nossas atitudes. E é assim que gostarei de ver todos os Agentes da Educação deste Colégio, Educadores, Alunos, Pais, sempre conscientes nos seus atos, pensando antes e assumindo depois, sem medo e igualmente sem temeridade.

*A CHAMA:* Através do testemunho dos Alunos participantes do teatro, o que foi possível inferir?

*Pe. LAURO PALÚ:* Senti como só podemos ser fortes se estivermos todos juntos. Vi os Jovens dispostos a colaborar com a Direção, p. ex. concordando em não afrontar ninguém. Sentiram que é possível confiar nos seus Educadores e que o Diretor está a serviço da unidade de todas as forças do Colégio. Acho que os Jovens entenderam que, quando estou com eles, quando assumo uma coisa com eles, podem contar com a Direção do Colégio. Sem centralizar, julgo que é essa a função de um Coordenador como pretendo ser.

Continuo sem saber se os Jovens se sentem Igreja ou se falaram de uma Igreja que admiram mas de que não se sentem filhos. Entretanto, sei que terão muito mais gosto de participar de uma Igreja que tome uma posição em favor dos Pobres e Oprimidos, do que de uma Igreja que se omitisse ante as injustiças e se intimidasse ante as forças deste mundo.

*A CHAMA:* O diálogo e a reflexão foram positivos?

*Pe. LAURO PALÚ:* Claro, e não só por se terem esclarecido ou corrigido vários pontos, sobretudo pelas colocações de Dom Romer. Mas principalmente porque percebi quanto posso confiar nesses Garotos. Souberam manter-se discretos, enquanto tentávamos solucionar pelo melhor o problema criado com as reclamações contra a peça.

Também as Famílias souberam guardar esta notícia, mas aproveitando da ocasião para interessar outros Pais e a APM.

A propósito disto, foi excelente ver os Pais se mobilizarem em torno de seus Filhos, nossos Alunos. Como tornar a APM sempre assim dinâmica? A divulgação destes depoimentos na Revista do Colégio visa motivar Pais e Mestres, toda a Comunidade Educativa, não só para os momentos de crise ou dificuldade, mas para todas as nossas promoções.

E também me cabe agradecer a todos com quem trabalhamos, neste episódio.



## E MAIS UM ANO SE VAI...

E mais um ano se vai. . .

1980. . . início de uma década que se prenuncia difícil e conturbada para todo o mundo.

E, nestes anos que virão, mais do que nunca está nas mãos dos homens o poder de construir ou não um mundo melhor.

No momento em que todos entendermos que o **NÓS** é mais importante que o **EU** e que o individualismo nos leva inexoravelmente à destruição, estaremos resolvendo boa parte dos problemas humanos.

E é em nome e em busca deste coletivismo que escrevemos a Você, leitora de A CHAMA, procurando mostrar-lhe um pequeno aspecto deste *viver* em comunidade.

Somos, da maioria de Vocês, velhos conhecidos. Do conhecimento à amizade e ao convívio, o pulo é pequeno.

Basta que Você se interesse e queira trabalhar, ousando um mundo melhor para todos; basta que Você queira fazer novos amigos; que Você se apresente para um conhecimento mútuo.

São muitos os porquês que podem trazê-la até nós. Tente se identificar com um deles. Todos sairemos ganhando!

Ao terminarmos o ano de 1980, nós, Senhoras do Grupo Assistencial do Colégio São Vicente de Paulo, ao mesmo tempo em que agradecemos sua valiosa compreensão, cooperação e adesão, queremos falar-lhes dos frutos de nosso trabalho.

Neste ano de 1980, não podemos deixar de citar que festejamos, com muita alegria, o vigésimo aniversário de nossa Associação. Foram 20 anos de trabalho simples, sincero e fraternal.

Os pontos mais importantes de nossa obra são: *Creche de São Vicente de Paulo*, no Morro da Providência; *assistência a um grupo de idosos*, para os quais são distribuídas mensalmente sacolas de mantimentos e aos quais é dada também uma assistência médica e espiritual; *confecção de enxovais para*

*recém-nascidos; visitas a um asilo de velhos; e ainda outras atividades.* Fizemos este ano dois "bazares" beneficentes, em maio, na semana das Mães, e agora no início de novembro, visando o Natal. O fruto deste trabalho é revertido para as obras acima citadas.

Durante o ano todo, tivemos um trabalho constante e assíduo em nossa sede, no Colégio, às terças e quintas-feiras. E nesta obra, simples, anônima e gratificante, enfrentamos, às vezes, alguns desafios que nos ensinam magníficas lições de amor, humildade, caridade, e que nos fazem crescer como pessoas humanas.

Nosso Grupo é formado por Mães de Alunos e Ex-Alunos. Venha nos conhecer, e quase lhe garantimos que ficará conosco, mesmo quando seus filhos já tiverem saído do Colégio.

Você verá como um trabalho grupal nos faz crescer interiormente, dando uma sensação maravilhosa de que somos úteis e indispensáveis, não apenas aos nossos entes queridos!!!

E eis que 1980 também termina, o Natal se avizinha, e é justamente nesta época que uma gostosa sensação de paz se apossa de nós.

Não temos a pretensão de resolver todos os problemas sociais; mas temos a incrível tranquilidade de afirmar que, tendo consciência dos nossos problemas e procurando, com nosso trabalho, ajudar o próximo, estamos, antes de tudo, ajudando a nós mesmos sem diferenças e omissões!

Feliz NATAL, querida Amiga!

Que seja para cada uma um ponto de união, amor, carinho e fraternidade. Que 1981 seja pleno de alegria, saúde e compreensão. Mas permita-nos desejar-lhe também que 1981 a faça rever seus valores e que uma positiva tomada de consciência a *traga* para conviver, aprender, ensinar, enfim, trabalhar conosco.

*Irany B. Guerra  
(Senhora da Caridade e Mãe de 3 Alunos)*

## CRISMA

Dia 24 de outubro pp., realizou-se a Crisma de mais um grupo de Alunos da 8.<sup>a</sup> série do Colégio São Vicente de Paulo.

Como nos anos anteriores, à Celebração fizemos proceder uma série de Encontros com grupos de Alunos que se inscreveram espontaneamente.

Na preparação, seguimos uma programação prefixada, básica, com temas que são desenvolvidos à base de exposição, esclarecimentos e participação, como catequese crismal:

A Bíblia, Palavra de Deus  
Jesus Cristo e sua Mensagem  
Igreja (Comunidade) hoje  
Fé (engajamento)

Sacramentos

Criamos também momentos para uma reflexão espontânea, quando foi dada liberdade plena aos grupos para apresentarem perguntas, fizeram questionamentos e debates sobre outros temas que, no parecer dos Alunos, deveriam ser discutidos.

Na reunião de Pais e Padrinhos, tivemos oportunidade de elencar alguns desses debates "quentes", acontecidos em alguns grupos:

O porquê do casamento religioso

Divórcio: por que a Igreja não o aceita?

Por que a Igreja proíbe o casamento aos Padres?

Há possibilidade mesmo de se viver a fé hoje?

Riquezas da Igreja

Por que a Igreja se mete na Política?

Cristo hoje faria o mesmo que fez?

O Cristo histórico existiu mesmo?

Tóxico (não houve tempo para uma reflexão sobre este tema).

Deixamos sempre os debates em aberto, motivando para que os mesmos tivessem continuidade em casa, com os Pais.

A coisa mais importante não é preparar o Jovem para se apresentar ao Bispo, para se submeter a um rito, mas ajudá-lo a viver como cristão, a ter uma consciência aberta e liberta em termos de fé, a assumir cada vez mais as próprias convicções numa opção pessoal, esclarecida e segura, responsável e vivencial.

*Wander F. de Paula*

# PAPPO LIVRE

## NATAL DO COLÉGIO SÃO VICENTE

A festa de Natal do Colégio São Vicente surgiu da iniciativa de uma equipe de Professores que, sem ônus para o Colégio, aproveitava a época para um maior entrosamento entre os Funcionários, que, convidados para a reunião, trariam um prato de doces ou salgados, para colaborar com a alegria geral. Presentes eram distribuídos entre os filhos dos Funcionários, tudo muito modesto, mas dentro de um perfeito espírito de Natal.

Depois, o próprio Colégio e a Associação de Pais e Mestres tomaram a seu cargo a organização do Natal, que passou a ser mais abrangente, iniciando-se com a celebração eucarística, que o Pe. Almeida procurava realizar com um "toque" todo especial, exaltando a grandeza da data e a necessidade de uma perfeita união entre os homens.

Durante a festa, animada com sorteios de prêmios, encenação de Autos de Natal e um "buffet" escolhido, o entrosamento era perfeito, sem distinção de classes, pois a FAMÍLIA SÃO VICENTE estava reunida.

E este ano? A Família cresceu e, por conseguinte, a festa deverá crescer. Estamos programando para o Natal, um animado churrasco, no pátio do Colégio, com muita alegria e união, que servirá também como "festa de encerramento do ano". Esperamos o comparecimento de Funcionários e Professores, para que todos juntos tenhamos um perfeito Natal e a perspectiva de um Ano Novo próspero e feliz.

*Maria Therezina (Tesouraria)*

## A SEMANA DO LIVRO E A CRIANÇA

*Ivonilde Vasconcellos*

Os canteiros da cultura estão montados entre as colunas do templo onde jardineiros-sacerdotes arrumam as sementes em leiras rasas.

A brisa dos passos, o calor do sorriso da casa, a chuva das lágrimas nas lutas fazem germinar as sementes e logo, ao toque de sinetas, operosas abelhas esvoaçam entre o colorido das flores-capa.

Pólen de letras deslizam por entre os dedos ávidos e das corolas é sorvido néctar de letras para a colméia que se constrói.

Livro e criança, flor e abelha são signo e símbolo de herança multiplicadora dos valores existenciais de uma sociedade.

— Semana do Livro, que seja permanente em nosso calendário vicentino.

## O CURSO SUPLETIVO: APENAS UMA NOTA

Este é o oitavo ano em que o Curso Supletivo vem funcionando à noite, no Colégio São Vicente. Mas o que é este Curso? A quem serve? Como funciona?

O Curso Supletivo conta basicamente com Alunos que não tiveram condições de estudar na infância. São geralmente migrantes de outros Estados brasileiros, que trabalham durante o dia como porteiros de edifícios, faxineiros, operários, empregadas domésticas, etc., e vêm à noite para o Colégio, para que possam, através do diálogo, realizar a troca de conhecimentos.

Até o momento atual funciona o 1º Grau completo.

Para que não seja um Curso "à parte" dentro da Comunidade do São Vicente, nós, os Professores e Alunos, convidamos todos os Pais, Alunos e Professores interessados para que participem conjuntamente do crescimento do Supletivo, que, como sabemos, tem um papel muito importante dentro da nossa realidade.

O convite fica aberto, as colaborações serão bem-vindas e as discussões terão muita importância para o futuro do nosso Curso.

*Prof.ª Sheila Amaral Camargo*

## ATIVIDADES DESPORTIVAS NO SEGUNDO SEMESTRE

Os meses de junho a outubro foram muito movimentados, no setor desportivo.

Apresentamos uma equipe para a eliminatória que definiria os nomes dos nadadores que comporiam a representação do Rio de Janeiro nos "Jogos Estudantis Brasileiros". Dela fizeram parte José Cláudio dos Santos, Marcelo Borelli, Marcelo Depardo, Ênio Oliveira, Júlio César Rebolal, Marcelo Costa e Verônica Oliveira. Obtiveram o 1º lugar por equipe, no masculino, e o 2º lugar, na classificação geral.

Objetivando o descobrimento e o desenvolvimento de novos valores no atletismo, criou-se o "pentatlo nacional", com disputas feitas em diversas fases, até à fase nacional. Apenas um aluno, Eduardo Ribeiro, participou, e classificou-se em 6º lugar.

Aos "Jogos da Semana da Pátria", realizados anualmente pela Região Administrativa da Lagoa, comparecemos com equipes de futebol de salão, categorias adulto e infantil, e de basquete, classificando-nos em 4º, 3º e 3º lugares, respectivamente.

Em seguida, no período de 26 de setembro a 6 de outubro, tivemos a nossa "Olimpíada Interna", atividade que já começa a se incorporar à tradição do Colégio e que, a cada ano, tem uma participação maior e mais entusiasmada dos alunos.

Futebol, vôlei masculino e feminino, basquete, handebol feminino, pingue-pongue masculino e feminino, xadrez e atletismo foram as modalidades disputadas.

O troféu ficou com a turma C do 3º Ano Colegial, que somou 192 pontos, seguida das turmas 85 e 51.

A "Semana da Criança" foi comemorada com jogos de futebol e queimado, além de diversos "pequenos jogos", para as turmas de 1ª à 4ª série.

Como última atividade do ano, uma competição amistosa de pingue-pongue, futebol e vôlei feminino com a Escola Japonesa, na qual nossos representantes se saíram muito bem, vencendo todas.

Assim se encerrou o semestre desportivo.

*Sérgio Rabello*

## NOVA DIRETORIA DA APM

De dois em dois anos, renova-se a Diretoria da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente. A eleição se dá durante a Assembléia Geral Ordinária, e se elegem, em escrutínio secreto, o Casal Presidente, o Casal Vice-Presidente e o Casal Diretor de Relações Públicas (ou de Promoções). Os Casais Tesoureiro e Secretário serão da escolha do Presidente.

A atual Diretoria vinha conversando com vários Casais, já pensando nesta eleição, e teve a satisfação de indicar o nome de AYLTON e MARIANNE (BABY) REINERT para Presidentes. O Casal já trabalhava na APM, como assessor, mostrando grande capacidade de colaboração e liderança. Como Pe. Lauro, Diretor do Colégio, não conhece ainda todas as Famílias, pediu ao Pe. Almeida a indicação de vários nomes de pessoas que fossem interessadas em participar deste trabalho em prol da Comunidade do São Vicente. Acertou em cheio. A maioria aceitou o convite, e, em vez de formar duas chapas, como pretendíamos, preferiu reunir os apresentados, formando com eles uma chapa única (o que pode parecer menos democrático mas foi mais realista, visto que os objetivos são os mesmos).

A eleição, como Vocês leram na circular de convocação, foi no dia 19 de novembro, às 20.30 h. Os que lá compareceram responderam por todos, e elegeram, para o período 81-82:

Presidentes: AYLTON e BABY REINERT

Vice-Presidentes: LUIS CELSO e MARIA APARECIDA BALDACCI

Diretores de Relações Públicas (Promoções): JOÃO CARLOS e ELIZABETH ALMEIDA SERRA

Foram também apresentados dois Casais que se prontificaram com gosto a trabalhar na assessoria da APM: *Maria do Carmo e João Luiz Faria e Vera Maria e Eduardo Seabra Fagundes.*

A Assembléia Geral Ordinária foi presidida pelo Dr. Eduardo Seabra Fagundes, que agradeceu a dedicação da atual Diretoria e encorajou os próximos colaboradores. A Assembléia foi encerrada às 21,45 h, pelo Presidente da APM, Roberto Carlos X. Fernandes Lopes. (A posse dos recém-eleitos se dará automaticamente no 1.º dia útil de 1981).

*Glória Lopes, Presidente.*

## INTEGRAÇÃO NO BAIRRO

*Jó Rezende — Presidente da Associação dos Moradores e Amigos do Cosme Velho*

Algo muito importante está acontecendo no Rio de Janeiro — em maior proporção na Cidade, mas também em algumas regiões do interior: a Comunidade está se organizando.

As Associações de Moradores começam a ter uma expressão no dia-a-dia das pessoas. Os bairros se reúnem. Os moradores descobrem que seus problemas, suas necessidades, suas alegrias e suas ansiedades não são fenômenos isolados, mas fazem parte de um ambiente maior. Constatam que a rua, o bairro, a cidade são o reflexo da participação ou omissão de cada um.

O Cosme Velho está vivendo intensamente esta experiência. Grupos de moradores se reúnem, debatem, sentem a necessidade de uma maior integração. Questões como estas são debatidas: O que significa o maior adensamento do bairro? Como se dará a integração entre os antigos e os novos moradores? Que influências têm estas mudanças sobre as instituições do Bairro? Estas mudanças são feitas respeitando um planejamento urbano? Há uma infra-estrutura capaz de suportar este crescimento populacional? Que dizem as autoridades?

Criar um espaço cultural mais participativo e proporcionar uma maior integração entre os moradores e as instituições do bairro são parte dos objetivos da Associação dos Moradores e Amigos do Cosme Velho — AMACV. E, neste sentido, a Associação promoveu, nos dias 3, 4 e 5 de outubro pp., no Colégio São Vicente de Paulo, a 1.ª Feira de Cultura Popular. Esta atividade contou com a participação das Associações de Moradores do Guararapes e do Cerro Corá, do Colégio São Vicente (através de sua Diretoria, da Associação de Pais e Mestres e dos Grêmios dos Alunos) e do Colégio Sion, e teve também a colaboração do SESC-RJ. Durante os 3 dias, houve uma intensa programação, onde, além dos artesanatos, apresentaram-se grupos folclóricos de Capoeira, Maculelê, Maracatu, além de um animado encerramento com o Bloco Mocidade de Guararapes.

A AMACV, com 2 anos de existência, já congrega uma expressiva parcela dos moradores do Cosme Velho e man-

tém um estreito relacionamento com as Associações de Moradores de outros Bairros. Os trabalhos da Associação se realizam através da Diretoria, do Conselho de Representantes de Ruas e dos Grupos de Trabalhos. Maiores detalhes sobre a AMACV e sobre como participar de suas atividades podem ser obtidos através dos telefones 265-0818

(Jó Rezende, Presidente) ou 265-4332 (Fernanda Penido, Presidente do Conselho).



**Prof. RICARDO AUGUSTO DE ABREU**

*No início de outubro faleceu o nosso Professor de Educação Física, e aqui temos o depoimento de seus companheiros de Equipe.*

O desaparecimento súbito e inesperado de uma pessoa deixa perplexos aqueles que com ela conviviam.

Quando esta pessoa é um companheiro de vários anos, a aceitação e a superação do fato se tornam difíceis.

Durante os 14 anos em que trabalhamos juntos, fomos construindo uma Equipe que, apesar das diferentes personalidades de seus integrantes, tinha como características a harmonia, a compreensão, a amizade e a dedicação. Discutíamos tudo e dávamos a solução da Equipe.

O "RICO", por trás de sua aparência séria e fechada, na realidade era uma pessoa de grande coração, que se preocupava com o seu semelhante, sempre alegre e brincalhão. Era também um ótimo profissional.

Nós, seus companheiros, sentimos muito seu desaparecimento. Em nosso dia a dia, falta alguma coisa, existe um vazio.

Gostaríamos de que, inesperadamente, o portão do Colégio se abrisse e, na sua Honda, com seu capacete vermelho cheio de adesivos, o RICO chegasse para dar sua aula. . .

## SÃO VICENTE EM FÉRIAS NA FAZENDA

Assim aconteceu em julho passado. Quinze crianças passaram as férias numa fazenda de verdade! Passaram dez dias em contato com a Natureza.

Muito ar puro, comida sadia, banhos na cascatinha, as voltinhas no carro de bois e na charrete, tudo isso ficou na lembrança.

Para quem quiser, em janeiro vai haver de novo!

Inscrições com a Prof. Marlene Lúcia Bluhm, no Colégio.

E boas férias!!!



## SEMPRE É TEMPO DE AMAR

Você que procura o sentido do amor verdadeiro que o mundo materializou, eis que levamos a você, leitor, esta obra para que possa nela encontrar aquilo que o mundo não lhe dá.

Devemos saber ler os sinais da vida, ouvir o seu silêncio e encontrar e reconhecer o Senhor junto às pessoas com as quais convivemos.

Amar não é usufruir mas construir.

LIVROS RELIGIOSOS, PEDAGÓGICOS, LITÚRGICOS,  
FOTOMONTAGENS, DISCOS, CASSETES, POSTERS.

**ep**  
**EDIÇÕES PAULINAS**

Rua México, 111-B – Tel. 224-0059



**a chama**